

**ENTREVISTA COM DOMINIQUE MAINGUENEAU:
ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA NO BRASIL E NA FRANÇA E O DISCURSO
SOBRE VIOLÊNCIA**

**ENTRETIEN AVEC DOMINIQUE MAINGUENEAU:
ANALYSE DU DISCOURS FRANÇAISE AU BRÉSIL ET EN FRANCE ET LE
DISCOURS SUR DE LA VIOLENCE**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n1p211-219

**Márcio Rogério de Oliveira Cano¹
Lúcia Maria de Assis²**

Dominique Maingueneau é professor de Linguística no Departamento de Língua Francesa da Universidade Paris IV-Sorbonne, pesquisador pelo *CÉDITÉC* (Centro de Estudos do Discurso, Imagens, Textos, Escritos, Comunicações) e membro do *Institut Universitaire de France*. Suas pesquisas dedicam-se à Análise do Discurso, área em que apresenta grandes contribuições e inovações teóricas, mas não só. Conforme declaram Soares, Sella e Costa-Hubes (2013, p. 261), Maingueneau “promove reflexões que transcendem um espaço único de discussão, devido ao compromisso de lidar com o funcionamento efetivo da linguagem, em seus mais variados acontecimentos”.

Seu trabalho percorre diferentes caminhos do texto, seu contexto e as diferentes formas de interpretação. Autor de vasta obra, destacam-se, no Brasil, principalmente os seguintes livros: *Novas Tendências da Análise do Discurso* (1987 e 1989); *Análise de textos de comunicação* (2001); *Dicionário de Análise do Discurso*, publicado em parceria com Charaudeau (2004); *Gênese dos discursos* (2005 e 2008); *O discurso pornográfico* (2010); *Doze conceitos da Análise do Discurso* (2010); *Frases sem texto* (2014); *Discurso e Análise do Discurso* (2015).

O analista, sempre muito requisitado, é presença marcante em eventos brasileiros que reúnem importantes pesquisadores da área de Letras, como os promovidos pela Abralín. Além

¹ Mestre e doutor em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP. Professor adjunto na UFLA e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFLA.

² Doutora em Linguística pela USP, com estágio pós-doutoral pela UFRJ e pela UFT. Professora Associada na UFF e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras (Ensino de Língua e Literatura) da UFNT.

de apresentações, palestras, minicursos, publicações de livros e artigos, Maingueneau já concedeu inúmeras entrevistas em solo brasileiro e, portanto, domina o idioma português, motivo pelo qual decidiu conceder a entrevista que segue por escrito. Sendo assim, as respostas e comentários oferecidos ao leitor não sofreram influência interpretativa dos entrevistadores. Ao contrário, são fruto da elocução do próprio entrevistado.

Por último, resta tornar claro que um dossiê voltado para discursos sobre violência, que pretende discutir a relação existente entre linguagem, sujeito e história e que assume a existência de variadas formas sócio-históricas e ideológicas de constituição, de formulação e de circulação dos discursos na sociedade, não poderia prescindir de uma entrevista com Dominique Maingueneau. É o que se apresenta a seguir.

Entrevistadores: Do seu ponto de vista, por que a França se mostrou um dos terrenos mais férteis para o surgimento da Análise do Discurso?

Dominique Maingueneau: A França era um país bastante obcecado pela análise gramatical do texto literário. Segundo Nietzsche, os franceses eram “os gramáticos da Europa” e acredito que nenhum outro país tenha uma obsessão pela análise de texto. Outra razão é a combinação de estruturalismo linguístico, da “*Nouvelle critique*” *littéraire*, do marxismo de Althusser e da psicanálise de Lacan. Houve uma focalização no problema da ideologia e acreditava-se que estudar o funcionamento dos textos era uma maneira de entender a ideologia. A convergência desses dois fatores pode explicar o surgimento da Análise do Discurso na França.

Entrevistadores: No Brasil, trabalhamos com a denominação Análise do Discurso de linha francesa e, junto a ela, temos algumas outras linhas, como Análise do Discurso Crítica, Análise Dialógica do Discurso ou Análise bakhtiniana do Discurso etc. Na França existem vertentes/separações?

Dominique Maingueneau: Muito menos. Acho que é algo tipicamente brasileiro. Por exemplo, na França, Bakhtin é uma referência teórica integrada a várias vertentes. Não tem uma análise do discurso especificamente bakhtiniana. No Brasil, a corrente inspirada por Pêcheux é, às vezes, chamada de “Análise do Discurso de linha francesa”; na França, Pêcheux é uma das referências teóricas da Análise do Discurso, mas hoje não há corrente ligada especificamente a seu pensamento. Não sei se isso é positivo ou negativo, mas me parece que os analistas do discurso, na França, compartilham a maioria dos conceitos e métodos, especialmente a

referência a teorias de enunciação. Em poucas palavras, há mais convergências do que divergências e é difícil distinguir vertentes claramente identificadas.

Outra peculiaridade da situação atual na França é que a Análise do Discurso Crítica é menos bem sucedida do que em outros países. Mas a situação pode mudar rapidamente. Isso é algo difícil de explicar. Certamente há várias causas. A Análise do Discurso francesa não é alheia à dimensão crítica. A análise de Pêcheux, por exemplo, é uma análise tipicamente crítica e é uma das referências da Análise do Discurso Crítica. Mas observo que a ADC foi desenvolvida em países onde a cultura estava mais impregnada de protestantismo; há talvez uma relação com o fato de que a ADC é frequentemente voltada para a crítica de si mesmo. Os temas principais desse tipo de análise são racismo, sexismo, populismo, ou seja, as realidades presentes nos países dos analistas. Mas não é o protestantismo que pode explicar porque este tipo de pesquisa se espalhou pelo mundo, e especialmente na América Latina. Pode-se supor que existe uma dimensão crítica constitutiva na Análise do Discurso e que esta dimensão crítica, nas décadas de 1960 e 1970, estava ligada ao marxismo; quando o marxismo foi marginalizado, a Análise Crítica o substituiu, privilegiando outros temas.

Entrevistadores: Mas tem sentido essa separação?

Dominique Maingueneau: Como acabei de dizer, a meu ver a Análise do Discurso é crítica por natureza: adotar o ponto de vista da Análise do Discurso é se distanciar de muitos preconceitos. Por exemplo, a mídia está falando do coronavírus o tempo todo. Fala das causas do vírus, da sociologia dos doentes, do governo, de tudo, mas ninguém considera que o coronavírus é também um problema de discurso. A maioria das pessoas pensa que a pandemia é uma realidade fora do discurso e que a mídia só reflete esta realidade. Se você explicar para as pessoas que a pandemia é discurso também, é uma posição que se distancia totalmente do ponto de vista espontâneo. Na verdade, para nós o coronavírus existe através de múltiplos discursos. Se é uma pandemia, é porque tem estatísticas, gráficos sofisticados, mapas etc. Quando eu tinha dezoito anos, teve uma pandemia que se chamou “Gripe de Hong Kong” e que, na França, matou 32000 pessoas em dois meses. Vocês imaginam? Eu não sabia disso. Na época, a mídia não falou de pandemia; não tinha estatísticas, não tinha redes sociais. As pessoas morriam, mas a pandemia não existia como objeto de discurso e teve pouco impacto na vida diária.

Entrevistadores: Diante dessa discussão toda, que balanço o senhor faria da Análise do Discurso, hoje, na França? Como é que ela se configura em relação à sua própria história? A sua importância, a sua atuação, a sua produtividade?

Dominique Maingueneau: Outra vez, a situação na França é bastante diferente: é muito mais difícil distinguir vertentes. Tem mais uma divisão segundo um tipo de *corpus*; tem pessoas que trabalham com conversas, outros com a mídia, com política etc. Não se pode dizer que são vertentes totalmente diferentes, mas é verdade que a diferença entre corpora tem consequências sobre conceitos e métodos. Assim, aqueles que estudam principalmente interações orais, websites, programas de televisão têm necessariamente diferentes concepções do discurso e da análise do discurso. Se eu comparar a situação atual com a que vivi no início dos anos 1970, vejo que a paisagem é muito diferente. Nos anos 1970, a análise do discurso foi apoiada por poucos pesquisadores e teve grande dificuldade em obter reconhecimento e legitimidade. Mas tínhamos a impressão de que éramos levados pela história. Havia pouco conflito visível entre analistas do discurso, que tinham que lutar contra inimigos comuns no mundo acadêmico. Agora percebo que isso era uma ilusão; de fato havia fortes divergências entre as diferentes correntes, mas que não eram tão óbvias na época. Hoje, na França, a Análise do Discurso está institucionalizada, é muito melhor aceita. Mas ela está ameaçada por um novo perigo: o de ser reduzida ao status de “método qualitativo” para o conjunto das ciências humanas e sociais, de perder seu poder crítico. Não estou falando aqui de “poder crítico” no sentido da Análise do Discurso Crítica, ou seja, uma luta contra disfunções sociais, mas de poder crítico teórico: uma contestação das representações dominantes das relações entre os sujeitos, a linguagem e o mundo.

Entrevistadores: Mas, aqui no Brasil, nós temos uma alta produtividade em pesquisas em Análise do Discurso. É um país com um grupo muito grande de pesquisadores. Na França, hoje, também tem esses grupos, por exemplo, o senhor falou assim: “tem gente que trabalha com *corpus* diferente: uma conversa, um gênero”, mas todos se colocam dentro de uma área de Análise do Discurso?

Dominique Maingueneau: A França é um país muito menor que o Brasil. Outra diferença é que não é um país federado e não há três sistemas de educação universitária, como no Brasil. Tem só um sistema e, como a França é um país centralizado, isso favorece muito mais a convergência do que a divergência. Por exemplo, é raro que uma revista seja associada a uma universidade ou a uma vertente: as revistas são nacionais e independentes das diversas

vertentes. Agora se considerarmos não o campo restrito da Análise do Discurso, mas os estudos discursivos, a heterogeneidade é muito maior: um sociolinguista ou um especialista em conversação tem outras referências teóricas que os analistas de discurso.

Entrevistadores: Considerando que o senhor tem uma interlocução muito grande com os pesquisadores brasileiros, como poderia explicar essa aderência que o Brasil teve à Análise do Discurso?

Dominique Maingueneau: Na verdade, eu não sei como explicar a aderência que o Brasil teve à Análise do Discurso. Existem provavelmente razões sociológicas. O número de estudantes no Brasil aumentou muito, universidades novas foram criadas; pode-se pensar que este novo público estava menos interessado nas perspectivas filológicas tradicionais, no latim, na literatura. A mesma coisa aconteceu em muitos países, pois, quando o público muda, o conteúdo do ensino também muda. Os cursos tradicionais de humanidades estão menos separados das ciências sociais que antes dos anos 70. Também é importante levar em conta que muitos dos temas que são tratados no Brasil em termos de Análise do Discurso são abordados em outros países por disciplinas que têm nomes diferentes: Semiótica, Comunicação, Estudos Culturais etc. Além do aspecto sociológico, existem afinidades culturais, intelectuais e políticas entre o Brasil e a Europa, e a Análise do Discurso tem sua origem principalmente na Europa.

Entrevistadores: Mas o senhor acha que o Brasil é um país produtivo em Análise do Discurso?

Dominique Maingueneau: Muito produtivo. Mas tudo depende do que significa “produtivo”. Pode ser produtividade teórica ou puramente quantitativa. O fato de que, no Brasil, várias correntes são muito ativas mostra que existe uma produtividade teórica, favorecida pelo sistema de publicação de artigos. Como eu disse antes, na França, se você quer publicar um artigo, você tende a passar por revistas nacionais ou internacionais, pois não há revistas ligadas a uma universidade, a uma região, a uma vertente. No Brasil, as pessoas podem publicar mais dentro do próprio espaço. Isso favorece a diversidade das abordagens.

Entrevistadores: Pela interlocução que também tem com os pesquisadores aqui no Brasil, o senhor considera que nós ainda estamos muito ligados às propostas de orientação francesa ou estamos conseguindo ter autonomia para produzir, criticar e construir teoria?

Dominique Maingueneau: A resposta a esta pergunta não é simples. Se olharmos superficialmente para as coisas, podemos concluir que a Análise do Discurso brasileira está

muito relacionada à Análise do Discurso francesa. Em particular, muitos trabalhos dizem que se situam na perspectiva da Análise do Discurso de inspiração francesa. Mas, se formos além das aparências, vemos as coisas de maneira diferente. De fato, quando teorias e conceitos passam de uma cultura acadêmica para outra, há uma reinterpretação no novo contexto. Por exemplo, a exportação para os Estados Unidos do pensamento de filósofos franceses, como Foucault, Derrida e Deleuze, deu origem ao que tem sido chamado de "Teoria Francesa". Mas essa "Teoria Francesa" era na realidade uma corrente de pensamento americana, muito diferente da forma como esses filósofos eram entendidos na França. Um pensamento se transforma quando entra numa área cultural diferente. Acho que foi isso o que aconteceu no Brasil. Como eu disse antes, hoje não há corrente bem identificada na França que esteja exclusivamente na continuidade de Pêcheux ou de Bakhtin. O aspecto positivo deste fenômeno é que, como Pêcheux ou Bakhtin desenvolveram suas teorias em um universo discursivo diferente daquele dos pesquisadores de hoje, isso acaba deixando muita liberdade.

Entrevistadores: Do seu ponto de vista, como a Análise do Discurso, como dispositivo teórico-analítico, poderia analisar e problematizar sobre a violência?

Dominique Maingueneau: É complicado, porque tudo depende do que se chama “violência”. A noção parece simples quando você pensa em alguém que está matando, ou insultando, ou detratando outra pessoa. O problema é que o termo "violência" tem um status ambíguo. Por um lado, designa algo; por outro, avalia-o negativamente. Se eu falo de "violência policial", por exemplo, estou condenando a polícia. Mas também existe uma violência simbólica e outros tipos de violência. Por exemplo, se você obriga um povo a falar outra língua, é uma violência, embora não seja física. Se poderia também falar de violência quando um dispositivo impede que os outros tenham acesso à palavra, o que é uma realidade permanente em regimes políticos tirânicos. Entretanto muitas pessoas consideram que também existe em regimes democráticos, pois a mídia oficial nunca dá voz a certas categorias que são tentadas a votar em pessoas como Trump, que se apresentam dizendo o que não lhes é permitido dizer. Também falamos de "linchamento da mídia" quando a mídia apresenta alguém de forma negativa, sem dar a ele a oportunidade de se defender.

Existem formas de violência discursiva que são consideradas normais: polêmicas, controvérsias, pois debates são centrais para a vida democrática. Mas a polêmica, infelizmente, é também uma maneira de ignorar o outro, de construir uma imagem dele totalmente falsa, o

simulacro da própria fala. Cada um dos adversários afirma sua identidade, negando a alteridade do outro.

O discurso serve também para esconder a violência. Escrevi um artigo sobre a perseguição dos judeus em Paris pela polícia durante a ocupação alemã, em 1942. Os presos, incluindo crianças, foram deportados para a Alemanha e assassinados. Estudei as instruções escritas que foram enviadas aos policiais responsáveis por essa operação. O que me surpreendeu é que tudo foi feito para tornar o enunciado neutro, banal, institucional. Um policial não podia ver, olhando as instruções que tinha, que era uma coisa anormal: o discurso era feito para esconder a violência extrema da operação.

Entrevistadores: Pensamos que a sutileza da violência como discurso é um campo fértil para pensar várias possibilidades. Seria isso?

Dominique Maingueneau: Muito fértil. Hoje, quando pensamos em violência discursiva, pensamos em redes sociais, onde as pessoas frequentemente fazem comentários de ódio. Muitas pessoas pensam que é suficiente filtrar o conteúdo e apagar alguns. Mas o problema é também o próprio dispositivo de comunicação. Em um site de notícias, por exemplo, o jornalista que publica um artigo deve produzir um texto que obedeça a padrões textuais e éticos e que envolva tanto sua responsabilidade como a do jornal; mas os comentários sobre esse artigo não estão sujeitos a nenhum padrão. Não são conversas ou apresentações estruturadas, mas reações que, anteriormente, teriam sido reservadas para a vida privada, nunca teriam sido publicadas. Aqueles que escrevem esses comentários fazem-no precisamente para desabafar e não para argumentar. Em tal cenário, não se pode esperar que os falantes se comportem como falantes normais, mas sim como "infralocutores", que têm prazer em fazer de suas declarações um espetáculo para uma multidão invisível, em mostrar que são superiores ao autor do artigo. As pessoas não são mais agressivas que antes, mas o dispositivo favorece a violência latente dentro deles. Observamos que a agressividade dos comentários é frequentemente associada a um registro linguístico bastante popular e muito familiar. Isto não significa que aqueles que deixam comentários pertencem à classe trabalhadora: é o dispositivo de enunciação que encoraja a encenação de um discurso no qual a agressividade pode ser liberada.

Entrevistadores: Esse dispositivo rompe com a interação “face a face”, porque se fala para um, mas, na verdade, querendo ser lido por esses que estão fora.

Dominique Maingueneau: É um triângulo: o autor do comentário fala para pessoas que são invisíveis e que são colocadas na posição de espectadores da “performance” verbal dele.

Entrevistadores: Em um texto seu, há um termo que é o “terceiro invisível”. Há alguns dispositivos com os quais se interage com outro, mas na verdade a intenção é o terceiro que está fora, vendo. As redes sociais seriam um dispositivo propício a esse tipo de situação?

Dominique Maingueneau: Acho interessante que vocês mencionem esta noção de “terceiro invisível”, porque ela pode se referir a duas coisas opostas. Em um caso, o “terceiro invisível” é o que Bakhtin chama de “superdestinatário”, um ser invisível que encarna a norma à qual o orador deve se conformar ao falar com um destinatário. No outro caso, o “terceiro invisível” é uma testemunha que observa o enunciado sem ser o destinatário. O que caracteriza muitos enunciados em redes sociais é o enfraquecimento do superdestinatário e do destinatário em favor de uma testemunha espectadora.

Entrevistador (Márcio Cano): Por isso, fica a questão: quando se analisa a violência, qual é a noção de violência que se está tomando para dizer que aquilo é uma violência. Quando fiz meu doutorado, era complicado. Eu usava Bourdieu, usava Michaud e outros estudiosos para trabalhar a noção de violência, mas para algumas pessoas não tinha violência, eu que estava inventando.

Dominique Maingueneau: A violência não é um dado. É uma avaliação. Mas a noção de violência verbal não pode ser uma ilusão, porque existe em todos os locutores a consciência de que a norma no exercício do discurso é excluir a violência. A dificuldade é que as sensibilidades das pessoas variam muito dependendo do grupo social ou da cultura. Além disso, há maneiras de justificar alguma violência em nome de um Bem Maior. Para um comunista, a violência se justifica se permite a construção de uma sociedade sem classes e sem Estado. No meu doutorado, sobre a polêmica entre jansenistas e humanistas, descobri que os humanistas criticavam certos autores jansenistas dizendo “a sua fala é violenta, a fala de um bom cristão não deve ser violenta”. Mas eles respondiam: “Deus também era violento; a nossa violência é uma violência sagrada”. Quando Jesus, por exemplo, manda embora os mercadores do templo, aquele episódio é ou não é uma violência? Um sacerdote vai dizer “não, é uma violência justa”. Mas marxismo ou cristianismo são visões de mundo que mobilizam toda a vida de um indivíduo. Isso está muito longe da violência verbal nas redes sociais, que é uma violência cotidiana e trata de temas muito mais comuns. É provável que, antes da existência das redes

sociais, esse ódio existisse, mas que não tivesse espaço para se expressar em público. Quando foi expresso em público, foi através de discursos coletivos, controlados por instituições que transformavam aquela violência. Hoje, o problema é o enfraquecimento do discurso político em favor da fala individual descontrolada que não contribui com nada de positivo para a comunidade.

Recebido em: 27 de maio de 2021.

Aceito em 31 de maio de 2021.